

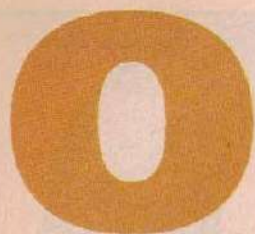
Cola

Nos últimos dias da Guerra Fria, um antigo submarino soviético carregado de mísseis nucleares estava patrulhando ao largo da Costa Leste dos Estados Unidos. Caso recebesse ordem, o comandante soviético poderia destruir cidades dos EUA ao apertar um botão. Ele só não sabia que, antes de terminar a patrulha, suas armas poderiam representar ameaça para ele e sua tripulação. Pela primeira vez, eis a história completa de um pesadelo nuclear que quase aconteceu.

posso *no* Atlântico

DE ÁGUAS INIMIGAS
CAPITÃO PETER HUCHTHAUSEN,
MARINHA DOS EUA (REFORMADO),
CAPITÃO DE MAR E GUERRA IGOR KURDIN,
MARINHA RUSSA,
E R. ALAN WHITE





COMANDANTE Igor Britanov tomou um gole de chá e ficou escutando os ruídos de seu submarino. Depois de um mês no mar ele quase não ouvia mais a balbúrdia – silvo do vapor, ruídos surdos e estrépitos dos dois motores do submarino. Seu mundo, a ponte de comando central, era compartimento quente, de teto baixo, em que até 20 homens trabalhavam confinados. Um tumulto de maquinaria rangendo, tinidos, zumbidos e ruídos de ventiladores, a sala parecia mais uma fábrica do que o centro nervoso do submarino de mísseis.

Era dia 3 de outubro de 1986. O *K-219*, submarino de Britanov, cruzava o Atlântico Norte a cerca de 1.200 milhas náuticas a sudeste da cidade de Nova York. Desempenhava ali sua missão: patrulhar o litoral americano e ameaçar o inimigo com destruição quase instantânea.

Em meados dos anos 80, a Guerra Fria entre a União Soviética e os Estados Unidos aproximava-se do fim, mas as equipes de mísseis de ambos os lados continuavam em alerta 24 horas, preparadas para lançamento. Tipicamente, três submarinos soviéticos de mísseis, ou *boomers* (supersubmarinos de ataque), navegavam ao largo da Costa Leste dos EUA. Carregavam mísseis com ogivas nucleares apontados para importantes cidades americanas.

As duas semanas de Britanov no setor norte já estavam quase completadas. Dirigia-se ao sul, para a segunda zona de patrulhamento perto das Bermudas, com o fim de substituir outro submarino de mísseis.

Patrulhas eram constantes. Assim que um submarino se dirigia de volta para sua terra, o comando da frota soviética mandava outro para substituí-lo. Em fins de 1986, o ritmo dessas operações estava começando a se fazer sentir. A frota soviética do norte encontrava dificuldade para manter as constantes patrulhas submarinas, chegando a enviar embarcações antigas como o *K-219*.

Quando o submarino de mísseis balísticos – da classe conhecida pelo Ocidente como *Ianque I* – foi lançado em 1971, podia fazer quase 30 nós submerso. Agora o submarino de 9.300 toneladas, com seus dois reatores nucleares de tipo antigo e perigoso, mal conseguia fazer 25 nós. A tripulação de 119 homens estava apinhada num casco rangente, cercada de venenos atômicos e químicos.

O velho submarino tinha uma série de problemas da competência do comandante. Um dos maiores era o do compartimento quatro. O submarino estava dividido em 10 compartimentos, e o número quatro era peça grande, abaulada, contendo os 16 silos de mísseis do *K-219*.

Cada tubo era largo – mais de 1,5 metro de diâmetro e 10 metros de altura – e continha um dos mísseis RSM-25 do submarino. Esses eram quase tão perigosos para quem os carregava quanto o eram para o inimigo. Os foguetes, alimentados por dois líquidos voláteis – tetróxido de nitrogênio e hidrazina –, inflamam-se quando em contato um com o outro. O tetróxido de nitrogênio também é extremamente reativo à água do mar. Quando

quantidade mínima do produto químico entra em contato com a água, o resultado é um possante ácido nítrico que corrói tudo com o que entra em contato: fios, lacres, até mesmo o casco de alumínio de um míssil.

Todos os silos eram equipados com bombas d'água e a quantidade de água que entrava em cada um era religiosamente controlada. Tratava-se de precaução de suma importância. Poucos anos depois que o *K-219* foi posto em serviço ativo, houve grave explosão dentro do silo 16. A explosão matou um marinheiro, e a água entrou no tubo, mas o comandante conseguiu levar o submarino à tona e drenar o silo inundado.

Naquele dia de outubro o oficial de armas Aleksei Petrachkov examinava o medidor de água do silo seis. O que viu o deixou preocupado. Desde o início da missão, a água vinha vazando para o interior do silo. Por isso, Petrachkov mandara que os homens a bombeassem duas vezes ao dia desde que partiram do porto de origem. Agora nem isso bastava. O vazamento estava se agravando.

Ivan Maluco

PARA O COMANDANTE Igor Britanov, lidar com problemas fazia parte de seu trabalho. Britanov, 36 anos, era jovial e bonito. O bigode castanho e espesso e a cabeça meio calva davam-lhe ar de pirata. Intelectual e tranqüilo, chegara ao posto vindo das fileiras de especialistas em radioeletrônica, caminho pouco comum para um comandante de submarino. Entre

os colegas, era considerado estrategista inspirado – mestre de xadrez na partida jogada com peças de 9 mil toneladas. Ele sabia que tinha de estar preparado para tudo, quando se encontrava em patrulha.

Pouco antes de iniciarem aquela missão, sua tripulação tinha trabalhado dia e noite com o objetivo de aprontar o *K-219* para a partida. Todos sabiam que haveria problemas. Sempre havia. Mas Britanov pretendia utilizar sua patrulha de três meses para corrigir pequenas falhas que o pessoal da base não reparou – não pôde ou não quis reparar.

Também supôs que desde o momento em que se encontrasse no mar aberto seria vigiado pelos americanos. Em nenhum lugar o grande jogo da Guerra Fria era tão desigual quanto sob o oceano. Os americanos tinham quantidade atemorizante de forças anti-submarinas para lançar: vigilância aérea, linhas hidrofônicas submarinas, e, mais temidos do que tudo, submarinos americanos de ataque – com sonar passivo tão sensível que podiam escutar Britanov a milhas de distância.

Por vezes, as embarcações americanas pareciam materializar-se como fantasmas e, com a tecnologia avançada, eram capazes de rastrear e pôr os soviéticos em sua mira sem que eles o percebessem. Em desvantagem com um submarino antigo, o comandante Britanov tinha de usar seu conhecimento da tática para se livrar dos americanos, tecnicamente superiores.

Eram 22 horas e ele acabara de se comunicar com Moscou. Sabia que havia um submarino americano em sua

pista. Talvez seja o momento de tomar alguma providência, pensou, nem que seja só para manter a tripulação afiada.

“Leme, preparar para manobras de evasão. Sonar, preparar. Tenho a impressão de que podemos pegar os americanos cochilando.”

A ordem significava que o submarino soviético ia executar uma curva descendente apertada. O intuito era pegar o submarino perseguidor de surpresa e obrigá-lo a revelar sua posição. A proa do *K-219* seria lançada diretamente na rota do submarino que o perseguia. O inimigo teria de parar repentinamente ou fazer uma curva abrupta e depois revolver o oceano com sua hélice, procurando evitar a colisão. A manobra resultaria num barulho detectável, que Britanov poderia aproveitar para localizar o supersilencioso submarino dos EUA. Os americanos chamavam essa manobra de “Ivan Maluco”, pois a odiavam.

Preparada a tripulação, Britanov esticou o braço para cima, agarrou a maçaneta de aço para se apoiar e gritou:

– Leme, todo a bombordo!

O *K-219* mergulhou de nariz. Como passageiros num elevador caindo, a tripulação na ponte de comando sentiu-se como se estivesse quase levitando no convés de aço. Depois, o submarino inclinou-se abruptamente.

O *USS Augusta*, sob a supervisão do comandante James von Suskil, estivera cautelosamente se aproximando do barco soviético desde que o sonar o detectara a 48 quilômetros de distância. Como todos os comandantes de submarinos de ataque, von Suskil era duro, agressivo e confiante. Tinha de

ser. Na posição em que aquele submarino soviético se encontrava, poderia facilmente atacar os Estados Unidos.

Por isso, von Suskil tinha liberdade de tomar quaisquer medidas que considerasse devidas se o alvo começasse a agir de modo estranho – em especial quando parecesse preparar-se para fazer um lançamento.

Ao ouvir o marinheiro do sonar gritar “Ivan Maluco!”, von Suskil resolveu ficar parado e deixar que os russos se aproximassem. Pretendia assaltá-los com um *ping* de sonar. Para um tripulante de submarino, mandar um *ping* – onda de som – audível pela água para outra embarcação era gesto hostil, como um avião de caça voando rasante sobre seu alvo.

Aos poucos, a distância entre os dois submarinos ia diminuindo. Então von Suskil ouviu algo. Olhou em volta para os outros homens no centro de ataque. Eles também tinham ouvido – o estrondo abafado de explosão.

Bomba-relógio

OS HOMENS DO *K-219* sentiram o submarino dar uma guinada por causa do “Ivan Maluco” e se agarraram ao que puderam encontrar. De repente, o alarme soou no silo seis.

O oficial de armas Petrachkov subiu a escada às pressas e correu para o painel de controle. Pressionou a chave que ligava a bomba para o silo seis e saltou para cortar o alarme. Novo sinal começou a soar. O detector de exalações químicas tinha passado à faixa vermelha.

Parecia que a água do mar e o míssil haviam se encontrado. No silo seis, formava-se ácido nítrico, que poderia estar corroendo as partes vitais pressurizadas do míssil RSM-25. A qualquer segundo poderia ocorrer explosão – um pesadelo em potencial. Petrachkov agarrou o interfone.

– Temos grande vazamento de água do mar no tubo seis! Há gases!

Enquanto o submarino ia subindo, abriu uma cobertura vermelha marcada “seis” e girou a maçaneta vermelha para destrancar e abrir a cobertura da escotilha do silo – o que só seria possível após alguns minutos. O alarme sobre vapores químicos continuava a soar. Como precaução, todas as escotilhas estanques da sala de mísseis foram fechadas para conter o problema. Petrachkov

gritou pelo interfone para os homens atordoados na sala dos mísseis:

– Coloquem suas máscaras de oxigênio! Já!

Ao saber da crise, Britanov fez soar o sinal.

– Temos gases tóxicos no silo seis! E isso *não* é um exercício! – gritou pelo interfone.

O submarino continuava voltado para cima quando uma explosão maciça retumbou pelo casco. As luzes no posto de comando piscaram e se apagaram. A detonação refletiu como tro-

vão em todo o submarino. A escotilha dos mísseis abriu-se.

O combustível do míssil, vazando, detonara dentro do silo seis, ejetando para o mar os destroços e duas ogivas nucleares. Então, possantes explosivos em volta dos núcleos de plutônio



Igor Britanov, capitão do submarino soviético, observando a superfície através do periscópio, preocupado em levar seus homens de volta ao lar

das armas se desintegraram, espalhando os restos radioativos pelo oceano.

Água do mar, fragmentos de plutônio e combustível jorraram pela rachadura onde antes se encontrava a escotilha do tubo do míssil. O submarino parou de subir e começou a mergulhar, descontrolado, para o fundo do Atlântico Norte, 6 mil metros abaixo.

QUANDO A EXPLOSÃO ACABOU, o chefe do sonar do *USS Augusta* comu-



nicou o ruído da água entrando por um tubo. Isso poderia significar que o submarino soviético estava se preparando para lançar um míssil. Nesse caso, von Suskil teria de disparar um torpedo contra o submarino *naquele momento*. Cada míssil que ele detivesse, afundando o submarino, poderia significar uma cidade inteira salva em seu país.

O chefe do sonar examinou o mostrador. Via dois objetos no mar: o submarino – e um míssil!

Von Suskil tinha o submarino em sua mira, pronto para eliminá-lo. O chefe do sonar declarou que o míssil estava apenas *boiando!* E ele ouviu o submarino, descendo loucamente, jogando água dos tanques de lastro, num esforço para tornar-se mais flutuante. Aquele submarino lutava pela vida.

Ruídos sinistros vinham pelos hidrofones montados na proa esférica do *Augusta*. Parecia o gorgolejar e o

Da ponte de comando central, o capitão Igor Britanov (sentado, à esquerda) dirigiu sua tripulação durante o colapso do submarino

rugido de um vazamento – silvo de bolhas jorrando do que poderia ser um casco rompido. Esse barulho talvez significasse que homens estavam morrendo. Homens como ele e sua tripulação. Von Suskil sentiu-se incapaz de fazer qualquer coisa por eles.

Que som é esse? Se fossem os reatores nucleares do submarino, a contaminação radioativa talvez indicasse um problema.

Todos no submarino estavam a par do caso do *Thresher*. O submarino americano provavelmente perdera seu reator num mergulho e nunca mais voltara à tona. Isso não era o tipo de situação em que um homem que ganha a vida debaixo d'água gosta de pensar.

Von Suskil dirigiu o submarino para a superfície. Tinha de entrar em contato com seus superiores.

Cheiro da morte

O SUBMARINO SOVIÉTICO tinha mergulhado a mais de 90 metros quando Britanov deu ordem para que a água fosse retirada dos tanques de lastro centrais. Chegou à conclusão de que a prioridade era levar seus 119 homens de volta vivos, a qualquer custo. Cometeria o erro imperdoável de tornar-se visível ao inimigo. Sabia que a missão e a carreira podiam estar liquidadas.

Aos poucos, o *K-219* diminuiu a velocidade de sua descida. Começou a subir. “Meu Deus!”, murmurou alguém na ponte de comando.

As anteparas rangiam e gemiam à medida que a pressão do mar ia diminuindo. Momentos depois o submarino, emergindo, rompeu a superfície numa enorme investida. Tinham-se passado apenas dois minutos desde a explosão.

Mas Britanov sabia que era cedo para comemorar. Cada vez soavam mais alarmes. O som abafado de um homem falando através da máscara de borracha se fez ouvir pelo interfone.

– Compartimento quatro... muita fumaça. Petrachkov está inconsciente. – O interfone ficou mudo por um instante. – Está quente. Água e vapores por toda parte. Peço permissão para sair.

Ao ouvir aquilo, Britanov pegou o microfone.

– Todos os compartimentos, máscaras de oxigênio.

Mandou uma turma de resgate ao compartimento quatro.

Esperando do lado de fora da sala dos mísseis estava o médico do submarino, Igor Kochergin. O jovem médico tinha posto a máscara de oxigênio e estava preparado para tratar das vítimas. Pela escotilha aberta ele via que a sala de mísseis se encontrava cheia de vapor marrom e espesso. Como os gases tóxicos estavam se espalhando, foi dada ordem para se dirigirem ao compartimento sete. Lá, Kochergin cuidou de dois marinheiros inconscientes, de cujas narinas e bocas escoava espuma vermelha.

Envenenamento por dióxido de nitrogênio. A espuma sangrenta indicava reação das mucosas ao vapor mortífero, que formava ácido nítrico ao ser inalado. Esse ácido tinha o poder de corroer as paredes de metal dentro do míssil. O que não faria com meros pulmões?

O médico agia com pressa desesperada para reanimar os homens. Injetou medicamentos através das roupas molhadas. Não deu certo. Tentou massagem no coração, mas foi inútil. Os marinheiros estavam mortos.

Enquanto isso, turmas de resgate voltavam ao compartimento quatro em busca de Petrachkov. Encontraram-no com a máscara de oxigênio meio arrancada. Estava morto.

Por fim, o pessoal do salvamento conseguiu tirar todos os vivos do compartimento quatro. Verificaram mais uma vez se havia sobreviventes, bateram a pesada escotilha de metal e giraram a roda da tranca.

– Olhem! – disse um dos homens.

Um fino jato de névoa marrom va-

zava pela borda da escotilha. Os homens a abriram e fecharam de novo, girando ainda mais a roda da tranca. A névoa venenosa continuou a vazar.

Abrindo a escotilha pela terceira vez, examinaram as vedações de borracha. O ácido nítrico as havia corroído. Britanov teve medo de que a infernal mistura de combustível e água do mar estivesse acabando com as partes principais de seu submarino. Os problemas da sala de mísseis poderiam não ser resolvidos antes de consumirem todo o submarino.

Se o ácido estava destruindo as vedações das escotilhas longe da explosão, o que não estaria fazendo com os controles bem próximos a ele? Isso incluía os sistemas que controlavam motores, mísseis e dois reatores nucleares.

Um dos tripulantes, vestindo roupa especial que protegia todo o corpo, foi ao compartimento quatro para verificar os estragos. Voltou com más notí-

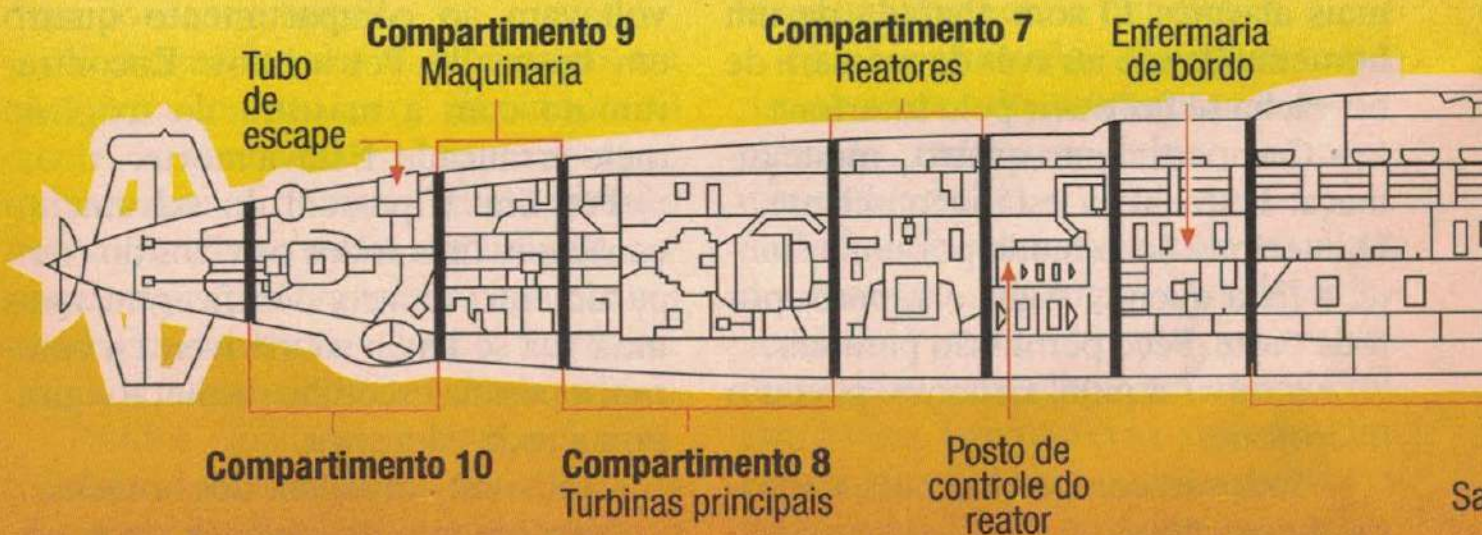
cias: fogo ardia livremente no nível inferior da sala dos mísseis. *A certa altura, receava Britanov, o calor se tornaria tão intenso que inflamaria o combustível dos foguetes.* E se isso acontecesse, não se podia prever a extensão da explosão.

"Podemos ter uma crise"

PASSAVA UM POUCO das sete horas da manhã quando o comandante Michael Bohn atendeu ao telefonema na Casa Branca. Bohn era diretor da sala de exame de situação da Casa Branca, centro de crises pelo qual o mundo era filtrado, analisado e apresentado ao presidente Reagan.

Ambos tinham ido trabalhar cedo. Aqueles dias seriam agitados em Washington. O presidente Reagan acabara de partir para Camp David com o objetivo de se preparar para a confe-

Dentro do K-219



rência de cúpula com Mikhail Gorba-chev, na semana seguinte, na Islândia.

O telefonema era de um oficial do gabinete do chefe de operações navais.

– Bom dia, Mike – começou ele. – Talvez tenhamos uma crise a lhe comunicar. Há um *Ianque* em perigo ao largo das Bermudas, e a situação parece muito feia. Ocorreu uma explosão a bordo. Provavelmente um de seus mísseis.

– O presidente vai querer saber todos os detalhes – declarou Bohn.

Ele subiu para contar o que se passava ao vice-almirante John Poindexter, assessor para questões de segurança nacional. Então, ligaram para o presidente Reagan em Camp David. Ao longo do dia, Bohn informou o assessor sobre a crise do submarino.

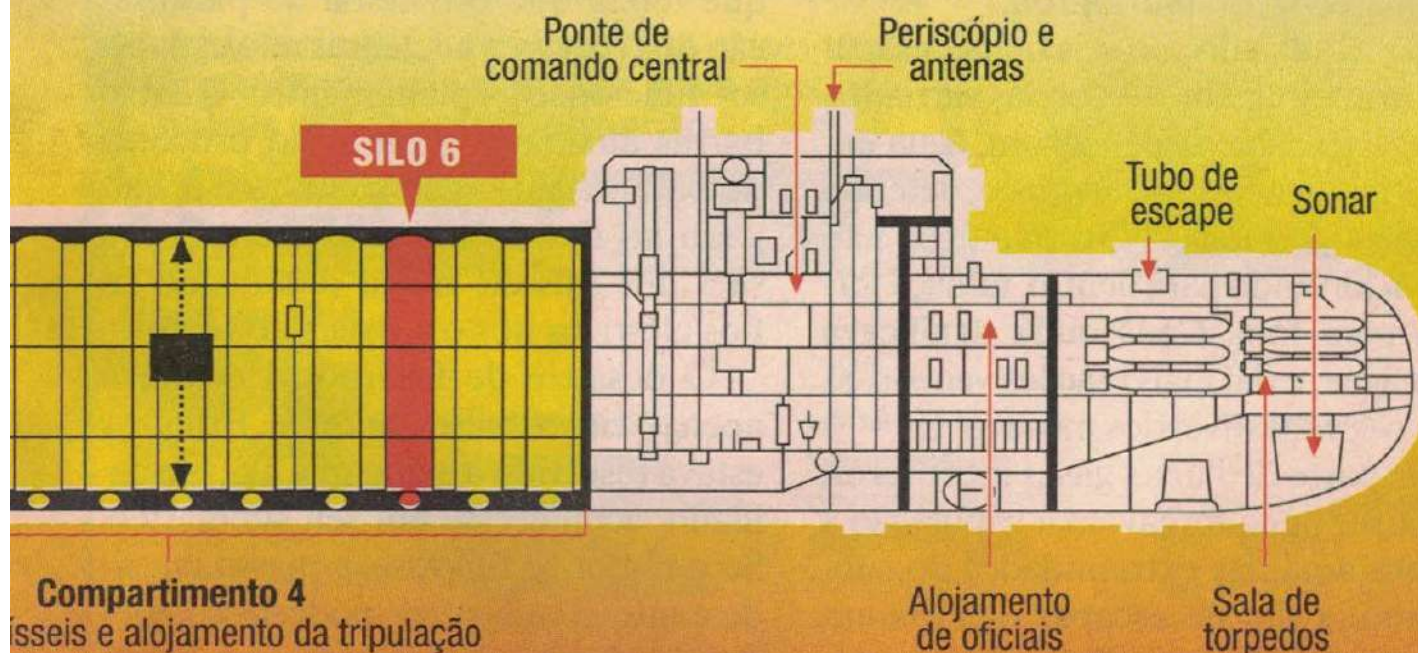
Bohn tinha visto fotos aéreas do submarino soviético avariado. Parecia estar mesmo mal. Nuvem de fumaça amarela se espalhava de um buraco aberto no convés de mísseis.

Naquela manhã a Casa Branca recebeu mensagem retransmitida pelo Departamento de Estado de Moscou. Informava ao governo dos EUA que um submarino nuclear soviético estava incendiado e em perigo a 965 quilômetros a nordeste das Bermudas. A mensagem reconhecia que o submarino tinha mísseis balísticos a bordo, mas frisava que não havia perigo de contaminação radioativa, explosão nuclear ou lançamento acidental. Além disso, indicava que embarcações soviéticas estavam no local auxiliando o submarino avariado e que outras embarcações se encontravam a caminho.

No dia seguinte, quando Reagan voltou à Casa Branca, Poindexter entregou-lhe fotografias aéreas. Elas mostravam quadro mais sinistro.

“Achamos que um dos mísseis explodiu”, disse ele. “Pode ser que haja contaminação radioativa.”

Reagan instruiu Poindexter a infor-



mar Gorbachev de que os Estados Unidos estavam dispostos a prestar auxílio. Depois perguntou ao vice-almirante o que estava sendo feito pela tripulação. Poindexter explicou que um rebocador de resgate, o *USNS Powhatan*, estava a caminho.

O presidente olhou as fotos mais uma vez e pediu que dissessem a Gorbachev que os EUA estavam prontos para ajudar de todos os modos possíveis.

O colapso assoma

APÓS O SUBMARINO chegar à superfície, Britanov resolveu avaliar os danos ocorridos no exterior do casco. Seu chefe de máquinas foi até a ponte de comando fechada, subiu a segunda escada e abriu a escotilha do tronco principal. Pela primeira vez desde que tinham deixado o porto de origem, um tripulante respirou o aroma do ar puro do oceano.

O chefe de máquinas olhou pelo convés traseiro do submarino.

Mãe de Deus, murmurou.

A escotilha do silo seis tinha desaparecido inteiramente. As ondas varriam o convés. Cada vez que vinham, água entrava no compartimento cinco, detendo a coluna de fumaça. Quando água não estava jorrando para dentro, fumaça jorrava para fora. Cada onda significava mais água, e daí mais reações venenosas com o combustível dos mísseis.

Na parte de baixo, gases mortíferos, fumaça e água forçavam a tripulação a ir para uma das extremidades do submarino, a fim de escapar das toxinas que se espalhavam. Provisoriamente,

o comandante tinha dito aos homens para se dirigirem ao compartimento oito, até que outras ordens fossem dadas. Era o lugar mais seguro. Ele não queria que ficassem no compartimento sete, já cheio de gás.

Entre os tripulantes evacuados do compartimento sete estavam o oficial de reatores Nikolay Belikov e o engenheiro Sergei Preminin, únicos qualificados em assuntos nucleares que restavam naquela parte do submarino.

Era a segunda viagem de Preminin após a formatura na escola de Engenharia. Para ele o trabalho era algo muito sério. O engenheiro, 21 anos, vinha de uma aldeia pequena, sem acesso ao mar, que só recentemente conhecera a eletricidade. O irmão e ele tinham escapado da vida medieval do lugar ingressando na Marinha. Preminin havia trabalhado duro para conseguir espaço na elite do serviço de submarinos.

Dada a ordem de evacuar, Belikov e ele foram para o compartimento oito. Pelo interfone, Britanov disse-lhes que temia que o sistema de paralisação dos reatores nucleares não estivesse funcionando plenamente. Quatro barras auxiliares – parte do processo de paralisação – não se tinham encaixado no devido lugar. O incêndio na sala dos mísseis havia danificado os fios elétricos dos controles do reator.

O desastre de Chernobyl ocorrera apenas cinco meses antes e Britanov estava resolvido a evitar que algo semelhante acontecesse em seu submarino. Se o reator se fundisse, a massa incandescente e radioativa poderia corroer toda a câmara dos reatores e o fundo

do submarino. Ao atingir a água fria, talvez explodisse e poluísse vasta área do Atlântico. Felizmente o submarino tinha sistemas de apoio.

Pelo interfone o comandante disse a Belikov para acionar as placas defleto-

ras auxiliares de paralisação. Os mecanismos eram utilizados para ajudar a paralisar ou deter reações nucleares em cadeia.

Os homens sabiam que seria necessário forçar as placas para baixo –

Próximo mês

O repórter que salva vidas

A história do jornalista que criou uma organização de médicos para ajudar países em desenvolvimento

Fique de olho nestes e em outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

VOCÊ QUER SE CASAR COMIGO?

Histórias de homens que fazem tudo para conquistar a mulher amada

O PODER DE UM SIMPLES ELOGIO

Uma ou duas palavras de encorajamento podem fazer maravilhas

LICENÇA PARA MATAR

O "direito de morrer" transformou-se em "dever de morrer"?

à mão. Isso queria dizer que alguém teria de chegar ao reator e fechar manualmente cada um dos quatro defletores com ferramenta especial.

Belikov comunicou ao comandante: "Eu as fecharei."

Ele estava no compartimento oito, onde se apinhavam 60 sobreviventes. Sabia que, com o gás tóxico vazando por toda parte, precisaria de fornecimento de oxigênio antes de poder chegar perto dos reatores na sala ao lado.

Os homens juntaram seis garrafas cheias de oxigênio. Cada uma proporcionava 15 minutos de respiração. Belikov olhou para aquele fornecimento minguido. "Onde estão as outras?", perguntou. Era só o que havia.

Entrando no inferno

BELIKOV PEGOU UMA das garrafas e vestiu a roupa protetora, embora soubesse que não teria muito efeito contra o calor terrível da sala dos reatores.

Preminin ofereceu-se para ir com ele, mas Belikov recusou, dizendo que se não conseguisse abaixar todos os defletores, o rapaz teria de concluir o trabalho. Com isso, Belikov pôs a máscara de oxigênio e passou pela escotilha. Ela fechou-se atrás dele com uma pancada sinistra.

Os dois reatores estavam no fundo do compartimento sete, escurecido, onde a água do mar oleosa e marrom

Garanta que Seleções o acompanhará!

PARA MUDAR SEU ENDEREÇO: Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

Envie este cupom para Reader's Digest
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

MUDANÇA DE
ENDEREÇO?

já se juntara no convés. Belikov sabia que a ferramenta de que precisava para abaixar os defletores emperrados era guardada no escaninho. Quando chegou lá, viu que estava trancado. E não tinha a chave.

Sem perder tempo, agarrou a machadinha de bombeiro e conseguiu abrir a porta. Dentro, encontrou manivela especial, parecida com uma grande máquina de moer carne. Era pesada, feita de aço maciço. Ele foi até a pequena escotilha que dava para o espaço do reator, bastante protegido. Espiando pela janelinha no meio da porta, viu a forma atarracada da cúpula do reator. Fora da sala o calor era intenso, bem acima de 38 graus.

Quando destrancou a porta, uma rajada de calor escapou. Belikov curvou-se para passar pela pequena abertura. Diante dele estava uma câmara do reator, fervilhando. Naquele local, o calor era ainda mais intenso, talvez uns 65 graus.

Belikov foi até o reator. Em seu topo arqueado havia quatro bocais hexagonais. Cada um girava uma engrenagem que forçaria um defletor para baixo. Ele introduziu a manivela num bocal e tentou girá-la. Nada se mexeu. O calor tinha empenado o metal. Ele pôs seu peso contra a manivela e empurrou com mais força. As engrenagens emperradas começaram a ranger, e o defletor moveu-se um pouco. Empurrou de novo, com mais força ainda. Elas começaram a apresentar maior movimento.

Estava quente. Quente demais. O suor escorria pelo rosto de Belikov. Cada vez que sua roupa encostava no

reator, ele ouvia o ruído de tecido queimando.

A visão começou a ficar turva. Empurrou com mais força. Estava ofegante. Via pontos flutuando diante dos olhos. Só então percebeu que estava ficando sem oxigênio. Precisava de ar. Tinha de sair dali rápido.

Belikov subiu a escada e, usando a manivela como martelo, bateu na porta do compartimento oito. A porta se abriu e ele caiu para dentro, aos pés de Preminin.

Quando Preminin perguntou se Belikov tinha desligado o reator, o oficial só conseguiu sacudir a cabeça. Só havia fechado parcialmente um defletor. E estava exausto. Como iam acabar o trabalho com os três outros defletores? Preminin rapidamente vestiu roupa protetora e prendeu duas garrafas de oxigênio no cinto. Belikov levantou-se, cambaleando, e pegou outra para si. Os dois voltaram para o inferno.

Na sala do reator, Preminin começou a girar a engrenagem que fecharia o segundo defletor. Belikov acabou o primeiro e saiu para se comunicar com a ponte de comando. Quando voltou Preminin lhe disse que estava cansado demais. Após breve descanso, os dois conseguiram fechar o segundo defletor. Mas o rapaz sentia-se tão mal que Belikov teve de ajudá-lo a subir para a escotilha que levava ao compartimento oito.

O oficial deixou o jovem marinheiro e resolveu enfrentar sozinho o terceiro defletor. Conseguiu abaixá-lo, porém sentiu que estava a ponto de desmaiar. Lutou para chegar à escotilha. Preminin ainda estava lá. Os dois bateram na



A jornada de Sergei Preminin começou numa aldeia da União Soviética sem acesso ao mar e acabou no meio do Atlântico

escotilha até que seus companheiros os puxaram. Os tripulantes tiraram a roupa protetora de Belikov e jogaram-lhe muita água. Logo os homens escutaram a voz de Britanov falando asperamente pelo interfone.

– O reator deve ser paralisado. Já!
 Numa voz fraca Preminin declarou:
 – Eu vou.

Levantando-se a custo, agarrou a última garrafa de oxigênio, pegou a manivela e retornou pela escotilha, aos tropeções.

Jogo de espera

ABORDO DO *USS Augusta*, von Suskil e sua tripulação perguntavam-se o que estaria acontecendo. Tinham visto um míssil sair do interior de um silo e depois afundar. Ouviram

o míssil soviético mergulhar em direção à destruição, e subir para flutuar tranqüilamente na superfície.

E a explosão? Pelo menos não era nuclear. Se tivesse sido, teria pulverizado algumas milhas cúbicas de oceano, inclusive o *Augusta*.

Podia ter ocorrido motim? Talvez alguém houvesse tentado propositalmente lançar um de seus mísseis. Estariam se preparando para lançar outro, naquele momento?

O *Augusta* retirou-se para distância mais segura e estudou o submarino soviético. Por seu periscópio von Suskil distinguiu um penacho de fumaça. O submarino estava ardendo.

Quando foi informado de que alguns submarinos soviéticos estavam conjugando esforços para socorrer o submarino, ele viu que teria de tomar algumas decisões. Como todos os comandantes de submarino, o do *Augusta* tinha autonomia razoável.

De volta ao inferno

PREMININ DESCEU para a sala dos reatores. Entre uma linha de vapor interrompida e o calor intenso emitido pelos reatores, todo o compartimento sete havia sido pressurizado como um balão de ar quente. Aproximou-se do reator e colocou a manivela no lugar.

Enquanto isso, na ponte de comando central, o comandante Britanov aguardava, impaciente, alguma notícia de que o reator tinha sido desligado. Ativou o interfone.

– Sergei? – perguntou. – O reator está paralisado?

Não teve resposta.

– Sergei! – repetiu Britanov.

Por fim, a voz fraca falou pelo interfone.

– Companheiro comandante, o... – A voz sumiu e depois voltou. – O reator está paralisado.

Houve vivas no posto de comando. Todos a bordo estavam muito orgulhosos. Sergei Preminin, filho de um simples cardador de linho, tinha salvado o submarino atômico e sua tripulação.

O herói exausto saiu da sala dos reatores aos tropeções e subiu a escada devagar. Cambaleou até a escotilha para o compartimento oito, girou a roda para abri-la e puxou. Não se moveu. Ele tentou de novo. Emperrada. Pegou o microfone.

– Aqui é Preminin. Não consigo abrir a escotilha.

Ele parecia surpreso, mas não em pânico.

Bateu na escotilha com a manivela de metal. Os outros, no compartimento oito, ouviram as batidas e tentaram abri-la, sem êxito. Achando que estava empenada, devido ao calor intenso, cinco dos homens mais fortes forçaram os ombros contra a escotilha, sem resultado. Tornaram a lançar-se contra ela. Não houve o menor sinal de movimento. Preminin voltou ao interfone.

– Estou... muito debilitado. Quase no fim.

Mandaram buscar um macaco e o forçaram contra a escotilha para abri-la. Instalaram o aparelho rapidamente e um dos marinheiros começou a virar a manivela. A escotilha só rangeu. Mi-

lhares de libras de pressão dentro do compartimento sete mantinham a escotilha fechada. Para reabri-la, o comandante sabia que teria duas opções: igualar a pressão em ambos os compartimentos ou aliviar a pressão de onde Preminin se encontrava.

Quando tentou aumentar a pressão no compartimento oito, ouviu gritos da tripulação, dizendo que o gás tóxico estava sendo forçado para dentro do local. A única alternativa era aliviar a pressão no compartimento sete, onde Preminin estava preso.

– Sergei – perguntou –, você sabe operar o sistema de ventilação?

A resposta foi um estalo no botão do microfone.

– Bom! Agora abra a primeira e a segunda válvula a estibordo. Isso vai comunicar o seu compartimento com a atmosfera. Consegue fazer isso?

A resposta foi outro estalo. Britanov esperou e por fim perguntou:

– Sergei, você conseguiu?

Dessa vez a voz do jovem soou pelo alto-falante do submarino.

– Não. As válvulas estão emperradas – disse.

Seguiu-se longo suspiro, e depois um ruído como se Preminin estivesse chorando.

– Sergei?

Nenhum som ou estalo.

Ar puro e refrescante

DENTRO DO COMPARTIMENTO oito, macas improvisadas foram unidas, amarradas com pedaços de

madeira e lençóis. Era difícil manter limpos os rostos dos homens envenenados. A espuma vermelha borbulhava de suas narinas e lábios assim que era limpa. O tecido úmido de seus pulmões havia ressecado por causa do dióxido de nitrogênio. Três já tinham morrido – e agora eram quatro, com Preminin. Provavelmente outros morreriam se não recebessem logo cuidados médicos.

A temperatura no compartimento estava acima de 38 graus. E subia a cada instante. A sala de mísseis, onde ardia o fogo, deveria estar mais quente ainda. Era apenas questão de tempo até que os mísseis restantes atingissem seu ponto de combustão e explodissem.

Como o gás começou a penetrar no compartimento oito, Britanov não teve escolha e mandou que a tripulação passasse aos compartimentos nove e dez. A fila de 60 homens desfigurados e assustados começou sua retirada final para os últimos compartimentos.

Eram espaços pequenos, mesmo para os padrões de submarino. Apinhados com equipamento e agora com 60 homens, logo se tornaram intoleráveis. Os tripulantes não podiam permanecer lá por muito tempo. Sufocariam se o gás não os matasse antes.

Todos os compartimentos que tinham deixado para trás se enchiam de vapores tóxicos. Logo esses também se encheriam. Os homens se juntaram ao pé da escada alta e estreita que levava a uma escotilha de escape. Quando Britanov soube que a tripulação estava perto da escotilha, parou. Para o comandante soviético, seus homens

sempre vinham em primeiro lugar – antes do submarino e da glória da Marinha. As palavras seguintes o perseguiriam para sempre. Levou o microfone aos lábios e deu ordem para que abrissem a escotilha de escape. Mandou que os homens se reunissem no convés e se preparassem para abandonar o submarino.

Diante disso, um jovem marinheiro dentro do compartimento dez subiu a escada para girar a roda que destrancava a porta interna. Todos os olhos fixaram-se nele. Se aquela porta não abrisse, estariam logo mortos. Tinham esgotado os lugares onde podiam esconder-se do gás mortífero.

O marinheiro girou a roda, encostando o ombro nela, e a pesada escotilha interna girou nas dobradiças. Depois, o torso do marinheiro desapareceu no tronco de escape – local estreito como um cano de esgoto, que dava para a escotilha em si. Houve estrondo surdo. Os homens viram as botas do rapaz subirem a escada violentamente e desaparecer. Logo estariam livres.

Um de cada vez, os tripulantes foram para o convés traseiro do submarino seriamente avariado. Depois de terem estado lacrados no submarino, sentiam-se como num mundo de fantasia. Respiraram o ar puro, refrescante. Viram o céu claro.

Mas perceberam que não estavam sós. Ao alto, um avião barulhento zunia ruidosamente em volta deles como abelha zumbindo. Tratava-se de avião de patrulha P-3C Orion da Marinha dos EUA. Quando Britanov comunicara pelo rádio seu estado de emergência para o quartel-general da ar-

mada, Moscou desviou três navios mercantes na área para ajudarem o *K-219*. Britanov temia que os americanos invadissem o submarino vazio.

O primeiro a chegar, porém, foi o cargueiro soviético *Fyodor Bredikhin*. Seguiu-se o *Krasnogvardeysk*, grande cargueiro, e depois o *Anatoly Vasiliev*. Baleeiras dos cargueiros encostaram-se ao

longo do submarino avariado e logo os tripulantes foram evacuados.

Britanov ordenara que todos deixassem o submarino, exceto uma pequena turma para controlar as avarias. Mas apareceu outro visitante, um navio da Marinha dos EUA carregado com equipamento de reboque. Era o *Powhatan*.

O *Krasnogvardeysk* tinha instruções para rebocar o submarino danificado de Britanov de volta para casa. Após muitos preparativos, o cabo de reboque foi preso ao *K-219*. A chaminé do cargueiro soltou fuligem negra e a hélice do navio começou a agitar-se. Aos poucos o cabo grosso estalou e zuniu. Com uma guinada o *K-219* adiantou-se, formando pequena onda à sua frente. Estava voltando para a União Soviética.

Abaixo da superfície, no entanto, havia outro fator a ser considerado: o submarino americano *Augusta*.



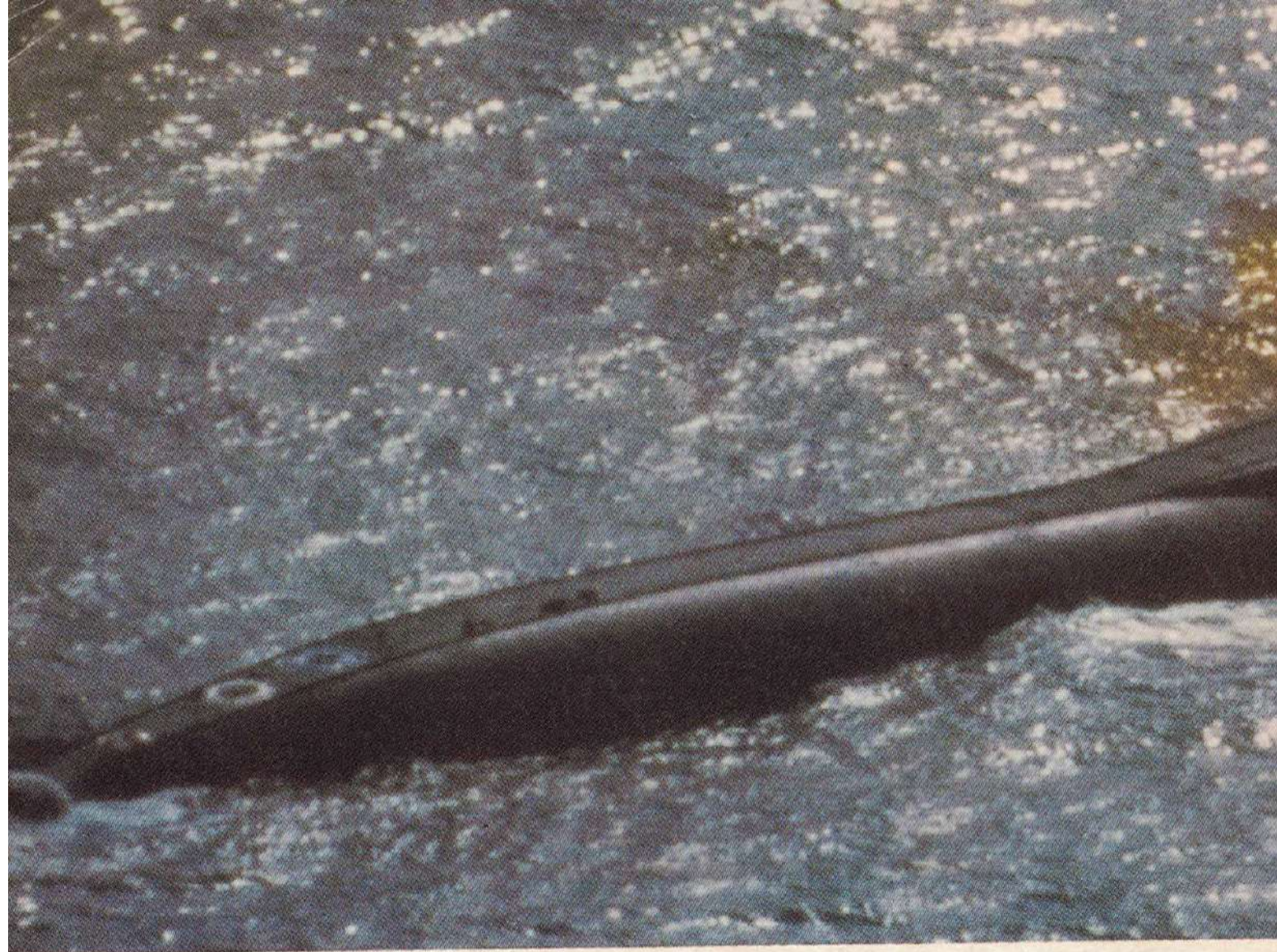
Britanov avistou seu periscópio rompendo a superfície a alta velocidade. Viu o periscópio inimigo precipitar-se para o espaço que havia entre o cargueiro e ele. Retraiu-se debaixo da água. Apenas a sutil efervescência do mar indicava a rápida passagem do submarino nuclear.

Subitamente houve um abalo, barulho forte que reverberou pelo casco do *K-219*. O cabo afrouxou-se e o gancho de reboque maciço caiu pelo costado, afundando no mar.

O cabo de reboque partira-se. O *K-219* encontrava-se novamente imóvel na água.

A última guarda

BRITANOV REAVALIOU rapidamente a situação. Lá estavam eles, não muito longe de algumas das maiores bases navais americanas. A terra natal



e as forças amigas estavam muito distantes. O mar encontrava-se cheio de navios, americanos e soviéticos, nenhum indo a lugar algum. Moscou deu ordem para desistirem de qualquer tentativa de reboque.

Para espanto de Britanov, o rebocador americano *Powhatan* tinha se aproximado tanto que até mesmo naquela luz fraca do crepúsculo ele podia distinguir os rostos dos homens no convés. No momento em que largassem o submarino, ele sabia que os americanos invadiriam o submarino. Estava certo disso – tão certo quanto estava de que nunca o permitiria.

Horas depois, o chefe de máquinas e Britanov encontravam-se na ponte do submarino avariado. A névoa

marrom continuava a escapar do silo danificado. Olhando para o mar, ele perguntou:

– Qual a profundidade aqui?

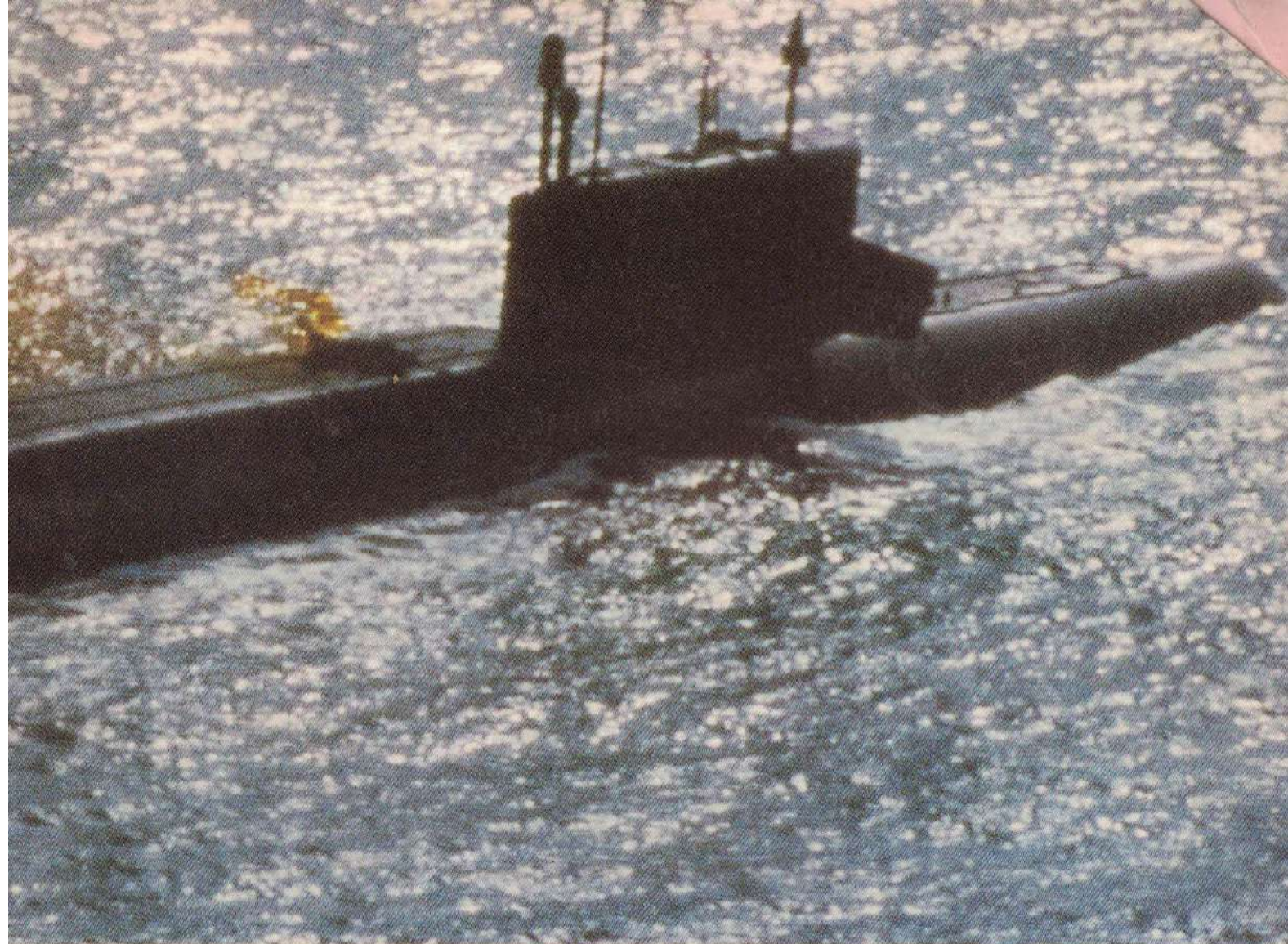
– Pouco menos de 6 mil metros.

De manhã cedo, um dos cargueiros enviou lancha para apanhar os marinheiros restantes. Depois que o último tripulante embarcou no pequeno barco, ficaram esperando por Britanov. Ele os despachou.

– Vou ficar – declarou.

A lancha afastou-se e Britanov ficou sozinho na torreta, o último homem vivo no *K-219*. Seu submarino – seu comando – tinha se transformado num caixão venenoso e fumegante, contendo os cadáveres de quatro dos tripulantes.

Quando Britanov estava em guar-



da solitária na ponte do submarino, o rádio deu sinal. Era seu imediato a bordo do cargueiro. Moscou enviara ordem pelo rádio para que a tripulação reembarcasse no submarino ao raiar do dia.

Britanov riu. *Idiotas!* Moscou mataria todos mandando-os de volta a um barco tão danificado. Ele disse a seus oficiais que ficassem onde estavam, e providenciassem para que os homens fossem alimentados, repousassem e os feridos medicados. As ordens de Moscou foram revogadas.

Britanov sabia que se alguém quisesse afundar o *K-219*, ele poderia usar as válvulas de fundo no compartimento três. Se as abrisse, o submarino afundaria aos poucos. Ou talvez pudesse

A explosão, que abriu a escotilha do silo seis, produziu fumaça mortal de dióxido de nitrogênio

chegar aos tubos dos torpedos na proa. Se abrisse um deles, com a culatra do tubo lança-torpedo também aberta, a inundação seria rápida. Ele colocou a máscara de oxigênio e desceu a escada para o interior do submarino.

Nos navios de resgate, os oficiais do *K-219* tinham ficado olhando seu submarino se estabilizar na água. De súbito, perceberam que o submarino estava afundando.

À luz dos holofotes dos três cargueiros, viram Britanov subindo a es-

caída para a torreta. Abaixo dele, toneladas de água varriam o convés dos mísseis do submarino que afundava, agitando-se em volta da torre de comando.

Ele subiu à torreta e cortou a bandeira do *K-219*, flâmula branca e azul com estrela vermelha, foice e martelo. Enfiou-a dentro da roupa, jogou um bote salva-vidas pelo costado e atirou-se nele depressa.

A força da água correndo pelos decks lançou Britanov para fora do bote. Quando flutuava na água, preso ao bote por um cabo que amarrara, a torre de comando afundou. O casco preto do submarino estava tão perto que ele poderia tocá-lo.

A princípio Britanov conseguiu nadar para longe, sobre as ondas causadas pelo imenso submarino. Mas o bote foi tragado pelo redemoinho criado pelo submarino que afundava. Ele suspirou enquanto o submarino agonizante o arrastava para o fundo do mar.

Momentos depois um bote amarelo surgiu na superfície.

A lancha de salvamento disparou para junto dele. O capitão Kapitulsky, um dos oficiais do *K-219*, estava a bordo. Quando olhou para o bote, ficou desalentado. Encontrava-se cheio d'água, e mais nada.

Entretanto, quando Kapitulsky saltou para o meio do bote, sua perna encostou em algo. Tateou ali no escuro e encontrou um rosto, um bigode. A cabeça de Britanov emergiu. Seus olhos tremeram e se abriram.

– Eu sabia que podia contar com você – disse ele a Kapitulsky.

Legado do K-219

ESTANDO O *K-219* no fundo do mar, não havia necessidade premente de enviarem especialistas ao local. O *USNS Powhatan* ainda permaneceu por algum tempo sobre o lugar onde o submarino afundou, tirando amostras de ar e água. Navios soviéticos ficaram na área procurando pedaços do *K-219* danificado, mas havia pouco a ser encontrado: alguns pedaços de isolamento, alguns vidros de pickles, uma revista velha.

O mundo continuou mais ou menos como antes. A conferência de cúpula de Reagan com Gorbachev em Reykjavik realizou-se apesar de reclamações de ambas as partes por conta do incidente do *K-219*.

Houve repercussões. No mês de junho seguinte, um importante almirante soviético foi a Washington encontrar-se com oficiais da Marinha dos EUA. Apresentou protesto oficial quanto à interferência americana no incidente com o *K-219*. Quanto aos silos de mísseis que vazaram e aos sistemas de segurança nuclear que fracassaram quando mais eram necessários, não se pronunciou. Tampouco foi mencionado o destino do comandante.

Ao regressar à União Soviética, Britanov foi acusado de negligência e sabotagem. Falou-se em submetê-lo ao conselho de guerra por traição. Mais tarde, as acusações foram retiradas e permitiram que ele permanecesse na reserva naval.

Nos anos seguintes, Britanov foi praticamente expulso da sociedade naval soviética. Ficou remoendo o pe-

sar de ser rejeitado e passou anos sem querer ver nenhum de seus antigos tripulantes. Quanto a eles, o legado do submarino condenado foi doença e morte. Pulmões ressecados pelo ácido cederam à pneumonia; fígados envenenados pelos vapores nítricos não agüentaram. Dos 115 sobreviventes, desde então dois morreram em decorrência dos ferimentos e outros 11 ficaram aleijados.

NO DIA 27 DE AGOSTO de 1994 realizou-se uma cerimônia em Gadzhievo, porto de origem do *K-219*, em homenagem aos tripulantes de submarinos mortos no mar.

A cidade envelheceu na era pós-soviética. Prédios ladrilhados estavam sem pintura e desmoronando. Docas inclinavam-se de modo alarmante para dentro do fiorde. Muitos dos submarinos da flotilha não saíam do porto havia anos, nem apresentavam segurança para o embarque. Alguns tinham afundado enquanto atracados ao cais.

Era um dia claro e límpido, o sol brilhava e os oficiais e suas famílias se reuniram perto de um dos prédios. Os sobreviventes do *K-219* estavam presentes, em peso. Após quase oito anos, sua terrível provação seria reconhecida.

No canto de um dos prédios havia monumento flanqueado por dois guardas. Depois de breve discurso do prefeito, desatou-se o cordão e o manto caiu.

Era dedicado a Sergei Preminin, que postumamente recebera a Estrela Vermelha por sua bravura. No momento em que a banda militar tocava o hino fúnebre, seus amigos e a família se aproximaram para tocar na placa de bronze fria, e colocar flores em sua base.

Então, um vulto solitário, caminhando pela rua com um buquê de flores, surgiu do portão principal. Ficou parado, atento, enquanto o povo começava a murmurar. Um dos oficiais do *K-219* gritou:

– Sentido!

Igor Britanov – porte alto e ereto, rosto resoluto, cabeça coberta por uma boina – caminhou pelas fileiras de sua antiga tripulação. Colocou as flores no monumento a Preminin e virou-se. Seus oficiais avançaram para abraçá-lo.

Após anos no que foi praticamente um exílio, o comandante Igor Britanov voltava para os homens por quem sacrificara sua carreira.

Nota do Editor: Até o dia de hoje os atos do submarino americano e sua tripulação estão envoltos em segredo. Como os tripulantes dos submarinos da Marinha dos EUA são proibidos de falar sobre assuntos operacionais, os autores se basearam em fontes confidenciais, testemunhas do incidente e especialistas navais para recriar os acontecimentos a bordo do submarino americano.



UM ROMANCE É COMO UM ARCO de violino. E o corpo do violino, que ressoa, é a alma do leitor.

Stendhal